

A RELAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR RIBEIRINHA DO JURUÁ COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

SANTOS, Adriana Ramos dos - adrianaramosss@hotmail.com

Resumo: Neste trabalho procuramos compreender como se dá a relação da comunidade escolar ribeirinha com a educação ambiental. Sob a ótica da crítica marxista e fundamentada nos autores como Loureiro (2007); Foster (2005) e Guimarães (2004) procuramos realizar de forma plena e crítica a caracterização social, econômica, cultural e ambiental da escola ribeirinha. No percurso metodológico utilizamos a pesquisa qualitativo-participativa e na coleta dos dados a entrevista semiestruturada com professores e moradores de uma comunidade ribeirinha no município de Cruzeiro do Sul/Acre. Os resultados revelam que o planejamento curricular das escolas não expressa os saberes e a identidade dos ribeirinhos e que existem muitos desafios a serem superados que vão desde a resolução dos problemas de saneamento básico, compreensão crítica do que é educação ambiental até a superação da fragmentação da visão da escola em relação aos pais e destes em relação à escola.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Comunidade escolar. Ribeirinhos.

Abstract: In this study we look to understand how it is the relationship of the school riverside community with the environmental education. Through a Marxist critical point of view and then orientated by authors as Loureiro (2007); Foster (2005) and Guimarães (2004) we intend to achieve into a critical and fully characterization of the social, economical, cultural and environmental elements of the school community riverside. In the methodology we use a quantitative and participative research and the data collected were through a semi-structured interview with teachers and area residents from a riverside community into Cruzeiro do Sul/Acre. The results showed that the curricular planning of these schools do not express wisdoms and identities of those riversiders, and there are a plenty of challenges in order to be faced from a resolution of sanitation problems, a critical comprehension of what is it environmental education until the overcoming of fragmentation from school view in relation of parents to the school.

Keywords: Environmental Education. School community. Riversiders

Introdução

Na Amazônia nos confrontamos com a diversidade, com diferentes saberes, valores, práticas sociais e educativas, bem como uma variedade de sujeitos como indígenas e ribeirinhos que possuem valores e modos de vida próprios e que interagem com a biodiversidade dos ecossistemas aqui presentes. A região do Vale do Juruá contempla realidades sociais e educacionais diversas como a educação em escolas ribeirinhas. Diante desse cenário, procuramos neste trabalho compreender como se dá a relação da comunidade escolar ribeirinha com a educação ambiental. Sob a ótica da crítica marxista e fundamentada nos autores como Loureiro (2007); Foster (2005) e Guimarães (2004) procuramos realizar de forma plena e crítica a caracterização social, econômica, cultural e ambiental de escolas ribeirinhas situadas às margens do rio Juruá no Município de Cruzeiro do Sul no Estado do Acre, para isso buscamos conhecer a comunidade, os professores, suas concepções e ações na Educação Ambiental (EA).

Como professora dos Cursos de Formação de Professores da Universidade Federal do Acre-Campus Floresta, venho contribuindo na formação de professores que irão atuar futuramente nas diversas realidades existentes no município, inclusive nas comunidades ribeirinhas do Vale do Juruá¹. Através dessa pesquisa será possível fornecer informações aos futuros professores para que os mesmos possam conhecer as peculiaridades da escola ribeirinha, realizando dessa forma, intervenções no sentido de melhorar a qualidade da educação e conseqüentemente a vida dos moradores da respectiva comunidade.

Realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo-participativa, que, segundo Ludke e André (1986, p.11) “[...] supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada”. Pertencer à comunidade escolar foi o primeiro e incondicional critério de elegibilidade dos sujeitos colaboradores da pesquisa. As escolas pesquisadas foram Nise Varela e Rui Barbosa, ambas da rede pública municipal. A escolha de tais escolas deu-se devido à sua proximidade com o rio Juruá e também por serem as que possuem a maior clientela de alunos no Ensino Fundamental na comunidade. Foram elaborados dois roteiros de entrevistas, um aplicado aos professores e outro aos moradores. Um total de 19 professores e 20 famílias participaram da pesquisa, sendo que 10 famílias residem próximas à Escola Rui Barbosa e 10 próximas à escola Nise Varela.

A pesquisa foi realizada sob uma perspectiva marxista, como forma de oferecer subsídios a um projeto educativo que leve em conta as contradições próprias da realidade educacional ribeirinha, contradições estas que são reflexos diretos da nossa sociedade capitalista. No trabalho reafirmamos a pertinência e relevância do pensamento marxista para a análise da questão ambiental contemporânea e a compreensão do modo de produção capitalista, a relação homem e natureza e as relações entre as condições de vida da classe trabalhadora e o meio ambiente. A contribuição do materialismo-histórico ao campo da Educação Ambiental se dá primordialmente na crítica às formas reducionistas de compreensão da crise e das conseqüentes proposições de enfrentamento, presentes nos discursos e práticas dominantes dos professores. O materialismo histórico ganha importância, então, como uma saída epistemológica consistente para os educadores e como uma nova forma de conceber e se relacionar com a natureza e o mundo.

¹ Região do Acre que faz extrema com o Peru, que reúne os municípios de Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Rodrigues Alves, Porto Walter e Marechal Thaumaturgo.

A contribuição do pensamento de Marx para a discussão dos problemas ambientais da atualidade

Em um momento em que as questões ambientais ganham destaque, procuramos fazer uma análise reflexiva sobre a contribuição do pensamento crítico de Marx para as discussões referentes ao meio ambiente. Dessa forma, partimos do pressuposto de que o método materialista histórico dialético apresenta grandes contribuições, sendo necessário para os que buscam alternativas ecologicamente viáveis e socialmente justas.

Tomaremos para análise as idéias de Loureiro que no livro *A questão ambiental no pensamento crítico* (2007) aponta alguns argumentos que validam a contribuição do pensamento de Marx para o entendimento dos problemas ambientais contemporâneos e seu enfrentamento. Referenciamos também nas contribuições de Foster (2005) no livro *A ecologia de Marx: materialismo e natureza* para o entendimento de que a visão marxista e a ecologia são teoricamente compatíveis, o que nos tem desafiado a incorporar seu pensamento ecológico nas questões ambientais da atualidade, bem como o modo com que ele concebe a relação de alienação entre o homem e a natureza, como categorias centrais para explicar as causas que levaram o homem a destruir os meios que lhe são necessários para continuar sobrevivendo.

Para o autor o pensamento de Marx possui grande capacidade de explicação dos “processos que definiram as diferentes formas de uso e apropriação da natureza, produção material e organização cultural na história”, ou seja, como agentes sociais concretos sob condições determinadas criaram suas formas de existência social, econômica, política e cultural, reproduzindo-as ou transformando-as. Destaca também que a “natureza em Marx é realisticamente prioritária sobre a sociedade, e parte do pressuposto de que somos natureza, de que esta antecede a existência humana e existe para além desta, onde a reprodução e produção da sociedade dependem da natureza”. (Loureiro, 2007, p.18-20). Considerando estes argumentos destacados por Loureiro, acreditamos que as contribuições da tradição de pensamento crítico inaugurada por Marx nos permitirão lidar com as questões ambientais atuais.

Foster pontua que a vantagem de se repousar em uma teoria da sociedade materialista é não apenas por enfatizar as prévias condições materiais - produtivas da sociedade, mas, sobretudo por não ter perdido de vista a necessária relação com uma concepção materialista de natureza. Podemos dizer que seu método, “ao pensar a unidade natural e as singularidades por relações dialéticas, ao esmiuçar as relações que definem o capitalismo e suas conseqüências destrutivas para a vida, traz contribuições indispensáveis aos debates e problemas de nossa época” (Foster, 2005, p 50).

Ainda segundo o autor o materialismo histórico, já continha no século XIX uma profunda preocupação com a sustentabilidade das bases materiais da vida humana, fazendo críticas ao processo predador das relações que os seres humanos estabelecem com a natureza sob o modo de produção capitalista e apontava o profundo desequilíbrio na relação homem-natureza.

Atualmente observamos que o atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista vem atingindo patamares de destruição ambiental não experimentado em nenhuma outra fase da história da humanidade. Assim, em seus escritos, Marx já destacava a incapacidade da natureza se refazer das agressões sofridas pela atividade capitalista que a torna cada vez mais frágil e incapaz de novas

regenerações, resultando não somente na escassez de recursos como também na ameaça à continuidade da vida no planeta.

Em sua descrição da relação do homem com a natureza mediada pelo trabalho, Marx utilizou como uma das categorias centrais de sua análise teórica o conceito de metabolismo, atribuindo o significado de troca material e energética. O trabalho é um conceito que se define no movimento de atuação do ser humano sobre a natureza e desta última sobre o mesmo. Por meio do trabalho, ocorre a “interação metabólica entre o homem e a natureza; neste processo, de forma simultânea, tanto a natureza externa é transformada pelo homem como este é transformado em sua própria natureza” (FOSTER, 2005, p. 221).

Além deste significado de interação metabólica entre a sociedade e a natureza, Foster afirma que Marx utilizava também o conceito de metabolismo para se referir à complexidade das inter-relações humanas, característica da sociedade capitalista:

Marx [...] empregava o conceito [de metabolismo], [...] num sentido mais amplo [...], para descrever o conjunto complexo, dinâmico, interdependente, das necessidades e relações geradas e constantemente reproduzidas de forma alienada no capitalismo, e a questão da liberdade humana suscitada por ele – tudo podendo ser visto como ligado ao modo como o metabolismo humano com a natureza era expresso através da organização concreta do trabalho humano. O conceito de metabolismo assumia assim tanto um significado ecológico específico quanto um significado social mais amplo (FOSTER, 2005, p. 222-223).

O conceito de metabolismo adquire maior importância, segundo Foster (2005, p. 223), por constituir para Marx “[...] um modo concreto de expressar a noção de alienação da natureza e da sua relação com a alienação do trabalho que desde os seus primeiros escritos foi central à sua crítica”. O conceito de alienação em Marx possui o significado de estranhamento, no sentido de visão velada da realidade pelo indivíduo, o qual não consegue se situar no mundo compreendendo a complexidade do mesmo.

Diante da inversão de valores, com a preponderância do valor de troca sobre o valor de uso, que caracteriza o modo de produção capitalista, o ser humano e a natureza, são reduzidos a mercadorias, onde o indivíduo não consegue se ver como natureza e esta vira objeto e alvo de domínio, pois está fora do indivíduo, o que leva este à perda da dimensão de seu pertencimento à natureza. Portanto, o modo e as relações de produção capitalistas distanciam o ser humano da natureza e de seu ser. Isso acarreta a “alienação do ser humano em relação à natureza, já que este, ao se alienar de si mesmo, torna a natureza uma externalidade coisificada, passível de ser apropriada como mercadoria” (LOUREIRO, 2009, p. 95).

Existe um metabolismo entre o homem, a sociedade e o ambiente e este metabolismo leva a que o homem transforme e seja transformado pela natureza, no entanto o modo de produção capitalista, na busca desenfreada pelo lucro, rompe este metabolismo ao separar o homem da natureza. O lucro impulsiona o capitalismo a impor crescentemente necessidades, derivadas não das exigências da manutenção e reprodução da vida humana, mas da lógica de reprodução do capital. Assim, o capitalismo e as necessidades da acumulação e reprodução do capital são os principais fatores de desequilíbrio, com resultados ambientais cada vez mais catastróficos e

irresponsáveis. O resultado é o crescimento cada vez maior da produção e consumo de bens supérfluos para a vida, gerando montanhas de lixo, abatendo florestas, devastando rios e oceanos, poluindo o ar. É necessário compreendermos que a lógica do mercado, baseado exclusivamente no lucro é incompatível com as exigências ecológicas e que já não há mais possibilidade de continuar com esse modo de produção e de consumo atual, uma vez que este vem sendo o principal destruidor do meio ambiente.

A partir do uso dos recursos naturais, na reprodução de seu modo de vida, as populações ribeirinhas construíram um território rico em diversidade biológica e cultural. E mais, estas populações adquiriram um conhecimento próprio e conseqüentemente tradicional, sobre o ambiente em que vivem. Este conhecimento caracteriza-se como um sistema complexo de saberes, hábitos e crenças, oriundos da vivência dos ribeirinhos com o seu ambiente. No entanto, o capitalismo vem transformando profundamente as suas relações sociais e com a natureza. No modelo capitalista, por meio da apropriação privada da natureza, o que impera é a lógica de “natureza como mercadoria” e/ou “objeto de troca visando lucro” (MARX, 2004, p.82).

Nesse sentido, o capitalismo se utiliza da natureza enquanto mercadoria a ser apropriada, transformada e vendida no mercado, enquanto valor de troca. Considerando que no capitalismo tanto o trabalho como a natureza são explorados em forma de mercadoria, é impensável, na perspectiva de Marx, alguma solução efetiva do problema sem a superação da sociedade capitalista.

Segundo Foster “a visão de mundo de Marx era profundamente, e na verdade sistematicamente, ecológica, e que esta perspectiva ecológica era derivada de seu materialismo” (FOSTER, 2005, p.09). O que ficava claro na obra de Marx, afirma Foster, era que “a humanidade e a natureza estavam inter-relacionadas e que a forma específica das relações de produção constituía o âmago dessa inter-relação em qualquer dado período” (2005, p.165). Marx afirma que:

O homem vive da natureza, isto é, a natureza é o seu corpo, e tem que manter com ela um diálogo ininterrupto se não quiser morrer. Dizer que a vida física e mental do homem está ligada à natureza significa simplesmente que a natureza está ligada a si mesma, porque o homem dela é parte (MARX, apud FOSTER, 2005, p. 165).

As questões relativas ao meio ambiente têm que ser compreendida em uma forma mais concreta. E, o método, compreendido como instrumento filosófico, social e científico de análise, tem na dialética de Marx seu instrumento lógico de interpretação da dimensão socioambiental. Consideramos o pensamento marxista como o referencial teórico que dá maior sustentação as análises da realidade socioambiental dos ribeirinhos do Miritizal. Assim, coerentemente com o método materialista histórico dialético de Marx de compreensão e intervenção na realidade e diante das múltiplas possibilidades metodológicas é possível entender a complexidade do ambiente, ou seja, superar uma leitura reducionista que enfatiza seus aspectos biológicos ou estritamente culturais e desconsidera as relações de determinação entre as esferas social e ecológica e as dimensões, econômica e política, contribuindo para superar processos materiais de alienação e reinserir o ser humano em seu espaço.

Em uma visão de mundo pautada no pensamento de Marx, torna-nos possível realizar de forma plena e crítica a caracterização social, econômica, cultural e ambiental da escola ribeirinha e seu entorno, levando em consideração questões como as relações

do homem ribeirinho com o meio ambiente, seu trabalho, a produção de bens sobre a natureza. Com as reflexões aqui empreendidas, partimos do pressuposto de que o materialismo histórico de Marx é instrumento teórico-metodológico para educadores que lutam por uma sociedade mais justa e com alternativas ecologicamente viáveis, por meio de uma práxis educativa exercida com vistas à superação dos dualismos entre sociedade, meio ambiente e capitalismo.

Entendemos que o pensamento de Marx nos fornece um importante instrumento de análise para compreender, analisar e interferir nessa relação homem-natureza, apontando caminhos que buscam a superação do atual processo de produção destrutiva e mercantilização da vida, inerentes às relações sociais no capitalismo. Dessa forma, o pensamento de Marx tem um papel relevante na formação de sujeitos capazes de criticar o atual modelo de sociedade e, também de se integrarem na luta pela construção de um projeto de sociedade sustentável em que as relações de exploração sejam superadas.

A importância da Educação Ambiental nas escolas ribeirinhas

A dimensão ambiental vem ganhando destaque nos últimos anos na sociedade passando a ser uma preocupação de todos, inclusive das escolas ribeirinhas que vem incorporando as questões ambientais nas suas atividades de ensino. A possibilidade de estudar as práticas de EA realizadas nessas escolas é pertinente na medida em que há uma possibilidade de verificarmos as possíveis falhas, dificuldades e necessidades dos professores e das escolas. Neste trabalho temos a intenção de contribuir para as reflexões na área de EA e propor caminhos para as práticas de EA nessas escolas. Faremos, portanto, um aprofundamento nas questões relacionadas às práticas de EA. Além disso, iremos propor nessa análise uma EA que se deseja para as escolas ribeirinhas, ou seja, uma educação crítica e emancipatória que prepare os indivíduos para viver nesse contexto, numa perspectiva de participação.

Acreditamos que se as práticas de EA das escolas ribeirinhas se apoiarem em referenciais teóricos que concebam práticas interdisciplinares, na perspectiva de uma educação crítica e emancipatória que respeite e pratique o diálogo, teremos a oportunidade de atingir através de uma práxis crítica os objetivos da EA, que é o de contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com o bem estar de cada um e das sociedades local e global.

Se as atividades forem bem organizadas e bem desenvolvidas metodologicamente, a EA poderá ser capaz de transitar entre os múltiplos saberes existentes nessa comunidade, o que alargaria a visão de ambiente do aluno e ao superar a prevalência do conhecimento científico sobre outros saberes, acionaria-se uma nova produção de conhecimento nas escolas. Como educadores, precisamos reconhecer, cada vez mais, o valor de outros saberes, além do saber científico para a educação ambiental, tais como os saberes cotidianos, saberes construídos a partir da experiência e saberes populares. Desse diálogo, podem surgir outros novos saberes, que podem revelar-se úteis, adequados e que podem ter uma grande significação contextual. Por essa razão o diálogo é uma das características fundamentais em processos educativos que visam à transformação.

Reconhecemos na Educação Ambiental sua dimensão educativa e que pode contribuir na construção de uma escola que esteja em sintonia com os desafios contemporâneos. Por esse motivo acreditamos que a inserção da EA no currículo das

escolas ribeirinhas estimulará mudanças que poderão refletir na melhoria da educação em geral e na qualidade de vida da comunidade, pois direcionará o currículo escolar para a compreensão e interpretação crítica da realidade não só local, mas também global, podendo contribuir para que novas relações sejam construídas entre ribeirinhos e a natureza.

Nesse sentido surge um questionamento, como a EA poderá auxiliar no repensar dessa relação? Para LEFF (2001) um dos princípios em que a EA se fundamenta é na busca de uma nova visão de mundo, diferente da visão atualmente dominante. Portanto, na relação do ser humano com o meio ambiente, que atualmente parece se processar de forma bastante desequilibrada, dominadora, é que a EA tem um grande campo a desenvolver. Praticando um trabalho de compreensão, sensibilização e ação sobre esta necessária relação integrada do ser humano com a natureza; adquirindo uma consciência da intervenção humana sobre o ambiente que seja ecologicamente equilibrada.

Como já afirmamos a escola é um dos agentes fundamentais para a divulgação dos princípios e práticas da EA, porém esta deve ser abordada de forma sistemática, transversal e interdisciplinar nos currículos das diversas disciplinas e das atividades escolares. Com os conteúdos permeando todas as disciplinas do currículo e contextualizados com a realidade da comunidade, a escola possui mais condições de ajudar o aluno a ter uma visão integral do mundo em que vive. Dessa forma, a EA deve orientar-se para a comunidade, para que ela possa definir quais são os critérios, os problemas e as alternativas, mas sem se esquecer de que dificilmente essa comunidade vive isolada, ela está no mundo, recebendo influências diversas e também influenciando outras comunidades, num fluxo contínuo e recíproco. Assim, a educação ambiental entra nesse contexto para auxiliar e incentivar os cidadãos a participarem da resolução dos problemas do seu cotidiano.

Nesse sentido, é importante que a EA seja desenvolvida dentro de um processo participativo. As atividades de EA nas escolas ribeirinhas acontecem muitas vezes sem que haja a participação de toda a comunidade escolar, a escola perde com isso, pois deixa de levar em consideração os saberes que as pessoas têm sobre o meio ambiente. Para que a Educação Ambiental seja crítica, a educação deve acontecer nas relações entre os indivíduos no âmbito escolar, isto quer dizer que professores, alunos e a comunidade em geral aprendem juntos, em parceria, pois entendemos e acreditamos que a EA somente será verdadeiramente transformadora se for fruto da própria comunidade, por meio do respeito e do reconhecimento dos saberes dessas populações.

Guimarães (1995) sugere que a escola deverá “extrapolar seus muros”, permitindo a participação de todos e o envolvimento da comunidade; será preciso “ressaltar a visão crítica e criativa da escola”; possibilitar “a participação interdisciplinar e multiprofissional”; providenciar para que os programas não sejam “desenvolvidos com base e situações abstratas” e ainda buscar na comunidade as “alternativas de solução”. Assim, o processo de construção das ações educativas para Educação Ambiental deve ser um processo coletivo, dinâmico, complexo e contínuo de conscientização e participação social, que articule também a dimensão teoria e prática, além de ser necessariamente interdisciplinar.

Os principais problemas socioambientais detectados nas localidades onde as duas escolas pesquisadas estão inseridas, como o lixo, a água, a malária transformaram-se nos temas geradores dos projetos educativos desenvolvidas pelas mesmas. No planejamento curricular é evidente a preocupação com a água, esta tem uma grande importância na vida do ribeirinho, pois a sobrevivência humana depende deste recurso,

à medida que eles utilizam o rio para a pesca, higiene, etc. No entanto Guimarães (2004) sugere que as práticas pedagógicas de Educação Ambiental devem superar a mera transmissão de conhecimentos ecologicamente corretos e as ações de sensibilização, rompendo as armadilhas paradigmáticas e propiciando aos educandos e educadores uma cidadania ativa. Referindo-se à difusão dos projetos, como prática pedagógica, afirma:

Nestes, o tema meio ambiente tem sido um dos ‘carros chefes’. No entanto, esses projetos de educação ambiental, na maior parte, tendem a reproduzir práticas voltadas para a mudança comportamental do indivíduo, muitas das vezes, descontextualizadas da realidade socioambiental em que as escolas estão inseridas, permanecendo assim preso a ‘armadilha paradigmática’ (GUIMARÃES, 2004, p. 31).

Dessa forma, o modo como o educador aborda determinada temática, na realização do processo educativo, explicita a sua concepção de sociedade, o seu entendimento sobre a problemática ambiental e, conseqüentemente, a vertente da educação ambiental que esta assumindo.

São várias as dificuldades encontradas para a definitiva implementação da EA nessas escolas, dentre elas: a fragmentação do conhecimento em disciplinas, este se apresenta como um grande empecilho para que os professores realizem suas práticas com base em uma EA crítica e emancipatória; o ensino tradicional, com ênfase em aspectos teóricos e descontextualizados da vida dos alunos; a defasagem de atualização dos docentes em relação aos avanços do conhecimento científico; carência de pesquisa teórico-metodológica sobre o assunto e o despreparo dos professores para lidar com a temática ambiental, principalmente, se houver a tentativa de trabalho conjunto de forma interdisciplinar.

Devido a tais dificuldades defendemos que as escolas ribeirinhas precisam de uma educação ambiental específica, diferenciada, isto é, baseada em um contexto próprio, voltada aos interesses e às necessidades das pessoas que moram e trabalham na comunidade. Não podemos esquecer que a realidade ribeirinha é heterogênea, é diversa e, portanto, a educação ambiental deve ser articulada às demandas e especificidades de cada território, de cada localidade, de cada comunidade.

A educação ambiental deve estar vinculada às causas, aos desafios, aos sonhos e à cultura desses moradores que vivem as margens dos rios amazônicos. Em outras palavras, que veicule um saber significativo, crítico, contextualizado, do qual se extraem indicadores para a ação, reforçando um projeto político-pedagógico baseado em valores como a solidariedade, igualdade, diversidade. Por essa razão, precisamos ter cada vez mais claro qual é o papel político da educação ambiental: uma educação que envolve a reconstrução do sistema de relações entre as pessoas, a sociedade e o meio ambiente.

A escola ribeirinha precisa estar estreitamente vinculada à realidade, ou seja, vinculada a uma cultura que se produz por meio de relações mediadas pelo trabalho, investindo em uma interpretação e compreensão complexa da realidade, que possibilite a construção de conhecimentos potencializadores de transformação dos problemas socioambientais. Essa escola tem o papel de contribuir na produção de conhecimentos e de valores para que a comunidade possa viver melhor, para romper com as práticas sociais contrárias ao bem-estar público, para incluir na sociedade os que vivem às margens dos rios.

Um dos grandes desafios das escolas é contribuir para recriar os vínculos de pertencimento dos ribeirinhos, para que estes se reconheçam como integrantes de uma comunidade e reconstruam a sua identidade com o local em que vivem. No momento em que os sujeitos sentem-se pertencentes a um determinado território, possuem sentimentos que lhes possibilitam comprometerem-se com a realidade socioambiental respeitando suas potencialidades e seus limites. Possuir um sentimento de pertencimento ao meio e de responsabilidade por ele, conhecer e compreender o meio em que vivem e as inter-relações entre os diferentes elementos que o compõem, é condição essencial para a conservação da diversidade biológica e cultural de um território (CARVALHO, 2004).

Propomos para as escolas ribeirinhas uma educação ambiental crítica e emancipatória que pode contribuir para que os indivíduos se percebam como sujeitos ativos na apropriação e na elaboração do conhecimento, e compreendam que são agentes de mudanças na realidade em que vivem, podendo de modo responsável e solidário contribuir para a transformação da realidade. Portanto, uma educação ambiental crítica e emancipatória permitirá as escolas ribeirinhas: uma compreensão complexa e multidimensional da questão ambiental; uma atitude crítica diante dos desafios da crise civilizatória e um maior cuidado em estimular o diálogo entre as múltiplas dimensões da realidade.

As escolas ribeirinhas apresentam grande potencial para a identificação e o diagnóstico das questões ambientais da comunidade a sua volta, uma vez que estudantes, professores e funcionários levam suas vivências para a prática cotidiana escolar. Para tanto, a identificação das representações desses sujeitos sobre as questões ambientais deve ser o primeiro passo para a elaboração de um projeto de educação ambiental. Acreditamos que a inserção de uma EA numa perspectiva crítica, reflexiva e emancipatória, capaz de desenvolver práticas que articulem a educação, o trabalho e o meio ambiente, só ocorrerá na medida em que o professor também assumir uma postura crítica, reflexiva e emancipatória e isso os cursos de formação inicial precisam levar em consideração no momento da formação desse futuro educador.

A comunidade escolar ribeirinha e a Educação Ambiental

A comunidade ribeirinha do Miritizal está localizada à margem direita do rio Juruá, no município de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre. É composta por cerca de 870 famílias, totalizando aproximadamente 4.000 pessoas², com residências simples, sem saneamento básico, apenas com fossas sépticas (a grande maioria). A água utilizada vem de um poço e do próprio rio Juruá. A comunidade possui cinco (5) escolas municipais e duas (2) estaduais que atendem alunos da creche ao Ensino Médio.

Participaram da pesquisa 20 famílias e nas entrevistas procuramos investigar as concepções que os moradores têm sobre meio ambiente, os principais problemas ambientais da comunidade, analisando de que forma esses problemas vêm prejudicando suas vidas. Grande parte desses moradores são trabalhadores domésticos, catraieiros, marreteiros, pescadores, agricultores e a maioria deles residem no local a mais de 10 anos. A grande maioria das famílias possui em média cinco (5) filhos e cada família tem em média dois (2) filhos matriculados nas escolas da comunidade. O nível de escolaridade das famílias, geralmente, é o primeiro grau incompleto (semi-

² Dados obtidos na Secretaria Municipal de Saúde (2010).

alfabetizados), havendo um grande número de pessoas sem qualificação profissional. A renda dos moradores é baixa, situada na faixa de um a três salários mínimos, exigindo que todos os elementos (ou quase todos) da família iniciem-se no mercado de trabalho ou assumam responsabilidade em relação à sobrevivência da família.

O meio ambiente ribeirinho vem sofrendo, nos últimos anos, vários desequilíbrios ambientais, um dos principais refere-se à contaminação das águas do rio Juruá por acúmulo de lixo e isso vem prejudicando a qualidade de vida das famílias. O rio está sofrendo com a poluição da cidade de Cruzeiro do Sul, pois parte do lixo que flutua nas águas é jogada pelos fundos dos comércios da cidade. Embalagens plásticas e outros objetos ficam presos aos barrancos ou misturados à areia da praia, essas cenas têm se tornado comum na vida daqueles que utilizam esse recurso hídrico para sobreviver.

Analisando a relação dos moradores ribeirinhos do Miritizal com o meio ambiente, a maioria demonstrou uma relação de subsistência, sendo que a relação com o ambiente visa o próprio consumo, através da extração da caça, da pesca, das plantações, da criação de animais ou servindo como produto de comercialização, que possibilite aos moradores obter outros bens necessários à sua subsistência. Observa-se, que o princípio no qual se apóia a relação do homem ribeirinho com o ambiente é o de que:

[...] a natureza tem valor apenas quando existe algum interesse utilitário envolvido. Assim, em vez de se envolverem com a idéia da natureza e do ambiente como um valor intrínseco envolvem-se unicamente com a idéia de apropriação dos seus recursos para se atingir determinados fins. (BORNHEIM, 1993, p. 165).

Tentando compreender melhor essa relação, fizemos um levantamento do que os moradores desta comunidade entendem por meio ambiente, assim o mesmo foi definido pelos moradores como: “[...] é a mata, a floresta, a natureza, os bichos” (L. S, 35 anos, moradora). “[...] o meio em que nós vivemos” (E.C, 32 anos, morador). Notamos que grande parte dos entrevistados, ao tratar de meio ambiente, se referiram somente aos aspectos físicos e biológicos. Predominando assim a concepção reducionista de meio ambiente, que exclui os seres humanos da natureza. Loureiro (2009) destaca que a abordagem reducionista do meio ambiente é baseada exclusivamente em seus aspectos biológicos/naturais, desconsiderando o ser humano e as relações sociais: a “parte”(natureza) é tratada como se fosse o “todo”(meio ambiente). O ser humano faz parte do meio ambiente e as relações que são estabelecidas – relações sociais, econômicas, políticas e culturais – também fazem parte desse meio.

Os principais problemas ambientais do bairro, de acordo com os moradores, são a falta de coleta de lixo e de poços com água potável. Foram poucas pessoas que reconheceram que o lixo jogado no rio prejudica a qualidade da água, o desbarrancamento de suas margens, causado pelo desmatamento nas margens do rio, a poluição dos rios, as queimadas, a diminuição da pesca e outros sejam considerados problemas ambientais e que os afetam diretamente, ou seja, a idéia principal de problemas ambientais, nos relatos dos moradores encontra-se direcionada às questões de saneamento básico, que geralmente suscitam maiores preocupações e que os afetam diretamente. Percebemos que eles se preocupam menos com aqueles problemas que têm efeitos indiretos ou a médio e a longo prazo, e menos ainda, com os que aparentemente

só têm impacto sobre o meio natural, sem comprometer, de maneira evidente, seu bem-estar ou as atividades que realizam na comunidade.

O rio Juruá tem uma grande importância na vida desses ribeirinhos, a sua sobrevivência depende deste recurso, à medida que eles utilizam o rio para a pesca, higiene, etc. O rio adquire importância não somente para a pesca, mas também para o lazer dos moradores. Nessa interação dos ribeirinhos com o rio, vão se construindo saberes diversificados. Ele é o elo entre os moradores e as relações de trabalho. Nas falas percebe-se nitidamente a importância do rio na vida dos ribeirinhos:

[...] quem acode nós é o rio, de tudo por tudo, o peixe, a água pra lavar roupa, pra agoar a plantação [...] (M.F; 45 anos, moradora).

[...] ah o nosso rio, Deus me livre, sem o nosso rio eu não sou ninguém, é o nosso rio que nos leva pra todo canto, e que às vezes quando a gente não tem como comprar comida, é ele quem nos dá o alimento, esse rio é tudo pra nós (N.D; 28 anos, moradora).

Esses moradores, mesmo possuindo poucas informações sobre os problemas que o rio Juruá vem enfrentando como o desbarrancamento e o lixo, que podem ocasionar a sua destruição, mesmo sendo poucos os que sabem o real significado de meio ambiente e de como conservá-lo, para poderem viver em um local limpo e sem riscos de poluição, sabem a importância que o rio tem na vida de cada um e que sem ele a vida seria praticamente impossível nessa comunidade.

A efetivação de um programa de Educação Ambiental para essa comunidade deve fundamentar-se nos saberes desses moradores, pois em suas percepções trazem fortes indicadores para ações educativo-ambientais e para formular políticas públicas e governamentais que contribuirão para dar sustentabilidade a essa região.

Participaram também da pesquisa 19 professores, a maioria possui o curso Superior completo. O tempo de trajetória docente varia em média de 6 a 10 anos. A maioria dos docentes não reside na comunidade, vivem na “parte urbanizada” da cidade, apenas três (3) professores vivem no Miritizal, isso se justifica pelas precárias condições da comunidade e a maioria dos professores possuem contrato provisório, sendo grande a rotatividade de professores nessas escolas.

Nas entrevistas procuramos saber dos professores o que é educação ambiental, os mesmos a definiram como: “[...] é o ser humano saber se relacionar com o seu meio, de forma que ele não prejudique o meio e nem a si” (L.S); “É a preservação do ambiente” (C.F); “É uma mudança no comportamento das pessoas” (C.N); “É a conscientização das pessoas em relação à preservação do ambiente em que vive” (M.L). Deste modo, percebemos que a EA, para os docentes está relacionada aos termos: conscientização, preservação, mudança de comportamento.

Todos os professores consideram que o papel fundamental da Educação Ambiental é o de transmitir conhecimentos sobre o meio ambiente a fim de que possamos preservar os recursos naturais e que a Educação Ambiental é responsável em mudar o comportamento das pessoas e sua relação com o meio ambiente. Notamos aqui, persistir uma visão ingênua e acrítica a respeito da Educação Ambiental, pois estes acreditam que esta pode resolver todos os problemas, faltando-lhes assim uma visão crítica a respeito da sociedade capitalista, que não se volta para uma sociedade sustentável e muito menos para os princípios da Educação Ambiental. Acreditamos sim,

que a EA, inserida na comunidade, como um processo permanente, pode garantir novos estilos de vida e contribuir para o desenvolvimento de uma consciência questionadora, do modelo de desenvolvimento predatório e estimulante das desigualdades sociais.

Durante as observações e entrevistas percebemos que esses docentes trabalham a temática ambiental de maneira isolada, restrita a suas práticas pedagógicas individuais, não havendo um esforço coletivo voltado para a interdisciplinaridade. Os saberes aprendidos nas escolas estão dissociados do contexto e da vida dos estudantes ribeirinhos, assim à produção cultural é feita sem levar em consideração sua realidade, sem refletir e dialogar com os seus saberes.

A grande maioria desses professores nunca teve a oportunidade de estudar os referenciais teóricos da EA, muitos não conhecem sua história, seus objetivos e princípios. Defendemos que, na formação dos professores, é preciso reforçar o conteúdo pedagógico e, principalmente político da educação ambiental, incluindo conhecimentos específicos sobre a práxis pedagógica. Para tanto, é necessário a inclusão desta disciplina, como componente obrigatório, nos currículos dos cursos de formação de professores (Pedagogia e todas as outras licenciaturas).

Notamos que o desenvolvimento de projetos com temas que permeiam a EA é uma prática que já vem acontecendo nas escolas ribeirinhas, eles procuram desenvolver pelo menos dois projetos por ano na escola e um deles sempre envolve os problemas ambientais da comunidade. As equipes das escolas têm uma grande preocupação com questão do lixo jogado no rio, por este motivo já realizaram projetos de forma a sensibilizar os moradores, fazendo a limpeza do rio e colocando placas em suas margens com a intenção de combater a prática tão comum que os moradores têm de que tudo que não presta deve ser jogado no rio.

Esses projetos desenvolvidos pelas escolas, de acordo com os professores, já indicam mudanças no comportamento dos alunos e de alguns moradores. As crianças estão passando para os seus pais, colegas e vizinhos o que aprenderam com as palestras, com as atividades desenvolvidas nos projetos. Percebeu-se a redução, mas ainda não de forma significativa, no que diz respeito à prática de se jogar o lixo no rio.

Nas falas dos entrevistados, sobre as questões referentes às práticas de EA, nos permitiram identificar as maneiras como a temática ambiental vem sendo incorporada nas escolas. Os professores de Ciências, Geografia, História procuram incorporar a temática ambiental nos conteúdos programáticos de suas disciplinas. Pelas propostas das disciplinas podemos perceber que essas áreas se aproximam mais das temáticas ambientais, pois estão inseridos em seus objetos de estudo. Os demais professores de Inglês, Matemática, Língua Portuguesa afirmam abordar, mas não com frequência, somente quando os conteúdos e a proposta pedagógica, que recebem do município, permitem. A forma como o currículo é oferecido a essas escolas ainda não permite um arranjo flexível para que esses professores possam implementar a dimensão ambiental em suas aulas, por isso relacionam a EA com mais ênfase às disciplinas de Ciências e Geografia.

Nessa pesquisa, identificamos vários fatores que dificultam a realização da Educação Ambiental nas escolas ribeirinhas, dentre os principais: as escolas ainda possuem uma educação escolar tradicional; existe um desconhecimento sobre educação ambiental, no que diz respeito a conceitos, objetivos, princípios e finalidades; formação deficiente dos docentes, baseada, sobretudo na ação individual e na falta de diálogo entre as áreas de conhecimento e entre os professores; a dificuldade de se trabalhar com projetos interdisciplinares; os professores carecem de formação para trabalharem sob

uma perspectiva crítica e transformadora; a escola desconsidera os saberes do trabalho e da cultura dos ribeirinhos, por isso limita a relação entre as aprendizagens curriculares e os alunos.

Verificamos que o diálogo das escolas com a comunidade ainda não se concretiza efetivamente, pois a presença dos pais na escola acontece somente por ocasião das reuniões bimestrais ou nas datas comemorativas. Estes não se sentem participantes da escola por acreditarem que conhecem poucas letras e números. Suas experiências de vidas, seus saberes são ignorados tanto por eles mesmos quanto pelas escolas e isso acarreta em perdas significativas de conhecimentos para a comunidade escolar.

Os professores, em grande parte, possuem contratos provisórios nas escolas, muitos não conhecem as dificuldades e os desafios que nela se apresentam e por desconhecerem a realidade local acabam ignorando os saberes e os trabalhos desenvolvidos pelos alunos. Muitos professores afirmam que a formação inicial não os preparou para essa realidade, logo demandam uma formação continuada para atender as especificidades desse contexto escolar.

As dificuldades elencadas nos mostram quantas limitações e obstáculos enfrentam os professores que atuam nesta realidade socioeducacional e que o trabalho docente é desafiador. Muitos professores já chegaram a abandonar o trabalho nessas escolas, procurando escolas mais próximas da realidade na qual tiveram contato na sua formação inicial. Segundo eles, não receberam informações e nem preparo suficiente sobre como atuar, levando em consideração as particularidades das escolas ribeirinhas.

Breves considerações

A partir dos depoimentos dos professores ribeirinhos, alguns questionamentos foram fazendo parte de nossas reflexões: Como foi desenvolvida a formação desses professores dentro da Universidade? Os professores estão recebendo preparo inicial suficiente nos cursos de formação para a inserção da Educação Ambiental nessas comunidades? Os programas das disciplinas estão sendo trabalhados de forma que contemple a realidade dessas escolas? Estamos realmente formando professores que atendam às necessidades da escola pública, oferecendo-lhes caminhos para a busca de respostas aos problemas que enfrentará no cotidiano das mesmas?

Com estas reflexões reafirmamos a contribuição dessa pesquisa para os cursos de formação de professores da Universidade Federal do Acre, que conhecendo seus resultados, poderá oferecer uma formação que leve os futuros professores a refletirem sobre as questões que permeiam o universo ribeirinho do Juruá como também oferecer cursos de extensão para os professores que já atuam nestas escolas, ajudando-a a inserir as questões relacionadas ao meio ambiente no currículo escolar, contemplando assim a realidade socioambiental ribeirinha.

Embora o contexto escolar ribeirinho seja demarcado por dificuldades, deficiências e limitações que arrastam os educadores a uma prática tradicional, defendemos a construção de uma proposta de EA que venha a ser transformadora, crítica e emancipatória, portanto uma prática educativa que seja comprometida com a transformação social, pois na comunidade existem muitos desafios a serem enfrentados conjuntamente pelo poder público, professores, pais, estudantes, a comunidade em geral. Desafios que vão desde a resolução dos problemas de infraestrutura e saneamento básico, compreensão crítica do que é educação ambiental pelos professores até a

superação da fragmentação da visão da escola em relação aos pais e destes em relação à escola.

A experiência com a pesquisa nos motivou a ter um maior envolvimento com a educação do meio ribeirinho, na medida em que passamos a compreender a importância de discutir, pesquisar e problematizar as questões concernentes à educação dessas comunidades. Dessa forma, a vivência com a pesquisa, no contexto das escolas ribeirinhas, contribuiu de maneira significativa para fortalecer nosso interesse em aprofundar os conhecimentos referentes à educação ambiental nos espaços ribeirinhos nos cursos de formação de professores. O estudo também foi motivado pelo desejo de contribuir com ampliação das pesquisas sobre a educação ambiental no meio ribeirinho no município, pois percebemos que ainda são poucos os pesquisadores que se dedicam a investigar o universo educacional dessas populações.

Nossa intenção com essa pesquisa foi de fazer um exercício para refletir como a educação ambiental vem sendo abordada nas comunidades com realidades educacionais tão diversas como as ribeirinhas, nas quais o educador dessa região se depara e preparar os futuros educadores para aprender a descortinar novas possibilidades de atuação no cotidiano da escola em que trabalharão, compreendendo melhor a ação que lá ocorre, permitindo a constituição de novos olhares com a possibilidade de melhorá-la. Desejamos que não só os cursos de formação de professores da Universidade Federal do Acre, mas também a comunidade, professores, alunos, ou seja, cada pessoa envolvida, interessada e compromissada com um mundo melhor, se perceba em algumas de nossas reflexões e consiga prosseguir e aprimorar a sua própria caminhada pelas práticas de Educação Ambiental.

Referências Bibliográficas

BORNHEIM, G. Reflexões sobre o Meio Ambiente, Tecnologia e Política. In: STEIN, E.; BONI, L.A. (org.). *Dialética e liberdade*. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993. p. 164-168.

CARVALHO, Isabel C. M. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

FOSTER, John B. *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GUIMARÃES, Mauro. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. *A Formação de Educadores Ambientais*. Campinas, Papirus, 2004.

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. São Paulo, Cortez, 2001.

LOUREIRO, Carlos. F. B. *A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

_____. *Trajetórias e fundamentos da educação ambiental*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos - filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.